

HOSPITAL SANTO ÂNGELO: DOCUMENTOS E HISTÓRIA

1. Estudante: Evilan de Araujo Luz
2. Orientadora: Profa Dra Tatiana Platzer do Amaral

1. Estudante do curso de Pedagogia; evilanaraujo@yahoo.com.br
2. Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; tatiana@umc.br

Área do conhecimento: Ciências Humanas

Palavras-chave: Estigma, Hanseníase, Hospital Santo Ângelo

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como principal aporte teórico as contribuições de Goffman (2015) acerca de processo de estigmatização que alguns indivíduos sofrem por conta de características, especificamente no entendimento da condição dos pacientes com hanseníase internado no Hospital Santo Ângelo.

Durante muito tempo a hanseníase foi uma doença estigmatizada ligada a uma série de estereótipos, difundidos principalmente pela falta de informação sobre a doença, bem como seu histórico social e religioso, associando o mal de Hansen à lepra como mostram algumas passagens bíblicas.

Para falar sobre estigma e diferença significativa é preciso em primeira instância pensar que, uma diferença só é estabelecida frente a um padrão considerado como “igual” e, portanto, “normal”. Sabe-se que a sociedade sempre teve certa relutância em conviver com o diferente. Isso porque a diferença é enxergada como anormalidade. Nesse sentido, qualquer que esteja fora desse padrão de normalidade, torna-se desviante, sendo até mesmo “aceitável” sua exclusão:

A convivência com o “outro”, o “diferente” levou a sociedade a estabelecer critérios para classificar e apontar aquele que se encontrava “fora do lugar”, ou seja, fora dos padrões estabelecidos. Assim, o pobre, o louco, o doente, o leproso foram categorias usadas para justificar a exclusão e a segregação. (POSTIGO, 2008, p.33)

Considerando-se que em relação ao Hospital Santo Ângelo a condição dos dados sempre foi clara ausência de arquivo da história do hospital, assim como produção acadêmico-científica fragmentada, justifica-se a pesquisa desenvolvida.

OBJETIVOS

Considerando-se a dificuldade em encontrar documentos em geral sobre a história do próprio Hospital Santo Ângelo, bem como da escola que funcionou no mesmo espaço, apesar do prédio preservado até hoje e funciona uma igreja, esse projeto de pesquisa teve como:

Objetivo geral

Resgatar a história da escola do Hospital Santo Ângelo, por meio de documentos.

Objetivos específicos

- Compreender a condição de estigmatizados dos pacientes;
- Compreender aspectos da história da escola que funcionava no local;
- Localizar acervos públicos com documentos;
- Organizar acervo das publicações para o grupo do MORHAN (Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase) atuante no hospital.

METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa caracterizou-se por uma abordagem qualitativa, sem pesquisa de campo, pois não envolveu contato com outros seres humanos, assim se caracterizou como uma pesquisa teórica. Envolve amplo levantamento bibliográfico sobre o tema e uma sistematização de trabalho com os dados. O objeto de estudo foi a história da escola do Hospital Santo Ângelo revelada por documentos

Assim, utilizamos a análise documental como instrumento de coleta de dados. Para Mazzoti e Gewandszandjer (1998) “análise de documentos pode ser realizada em

qualquer registro escrito que possa ser utilizado como fonte de informações” (p. 148). Os documentos que serviram como fonte de informação são teses, dissertações, artigos e outros disponíveis em portais de produções acadêmicos-científicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No eixo 1 **Condição de estigmatizantes dos pacientes** foi possível analisar que a partir do referencial do “tipo ideal” a sociedade estabelece o que é normal e anormal, sendo que, de acordo com essa perspectiva, aquele que está fora desses parâmetros de normalidade é tido como desviante. Assim, não é de se admirar que a hanseníase ainda é considerada uma doença com forte poder de estigmatização. A falta de informação sobre a doença, sua relação com contextos religiosos e o preconceito mantiveram e propagaram ideias que desumanizavam os pacientes.

O convívio com o doente era motivo para medo e pavor, do que Amaral (1998) denomina como contágio osmótico. Goffman (1988) nos atenta para duas situações, a de desacreditado e desacreditável. Isto é, quando a diferença significativa é perceptível de imediato, tem-se um indivíduo desacreditado, que precisa manipular os efeitos depreciativos causados pelo estigma que carrega. Em contrapartida, se a diferença não é tão evidente, tem-se um indivíduo desacreditável que tende a manipular a informação sobre o próprio estigma, o que lhe permite revelá-lo ou ocultá-lo. No primeiro caso podem-se mencionar pacientes que apresentam sequelas devido à hanseníase, no segundo, aqueles que não tiveram implicações físicas.

A internação compulsória, apoiada pelas leis higienistas da época, além de segregar o indivíduo do convívio social e separá-lo de sua família e vida anterior à internação, fortaleceu o estigma em relação à doença. Além da exclusão do convívio social, dentro dos hospitais também havia ainda outra divisão. Os asilos eram divididos em zona sã, zona intermediária e zona doente, sendo que esta deveria ser afastada da zona sã, novamente por causa do medo e pavor com o contágio da doença.

A condição de pacientes internados, marcados pelo estigma privou, não apenas de estarem no convívio social, mas também a autonomia de decidir sobre a própria vida. Como a separação por zonas de internação era uma realidade, havia todo um processo de exclusão interno também que reproduzia os mesmos medos e formas de pensar. Vale lembrar o critério de localização do cemitério do Hospital Santo Ângelo. Segundo Feliciano (2008):

O medo era tanto, que o paciente deveria ser enterrado em cemitério exclusivo para seu diagnóstico. O cemitério deveria ser construído em local que estivesse no sentido oposto ao leprosário, de forma que as águas das chuvas não fossem drenadas para o hospital. (FELICIANO, 2008, p.37)

O estigma mesmo depois do paciente morto, ainda orientava práticas segregatórias no momento do sepultamento. A condição de estigmatizado ultrapassava os limites da vida, revelando que esta perdurava para além da própria morte.

No eixo 2 **Compreender aspectos da história da escola** sabe-se que momento da internação os pacientes foram privados de seguir ou iniciar a escolarização fora dos hospitais. A Caixa Beneficente era responsável pela manutenção da escola, contribuindo, assim, significativamente na educação dos internos dos hospitais tendo construído em 1940 a primeira escola dentro do Hospital Santo Ângelo. A Caixa Beneficente realizava o pagamento dos pacientes trabalhadores com verbas que provinham do Estado, além de verbas adquiridas por meio de doações de famílias abastadas, em caso de atividades que não eram reconhecidas pelos órgãos públicos, mas que eram igualmente importantes e necessárias dentro dos Hospitais. Tais investimentos financeiros, além de contribuir em pagamento de salários, também subsidiavam a manutenção do próprio Hospital, bem como da escola. Nesse sentido, foi possível verificar que o funcionamento da escola se deu de diferentes maneiras ao decorrer dos anos, de acordo com a necessidade que se apresentava dentro do Hospital. Em certo momento, funcionou como alfabetização de adultos em uma única sala multisseriada, tendo como regente principal uma freira. Outro, pacientes com escolarização mais avançada também eram responsáveis em ministrar aulas.

No eixo 3 **Arquivos e acervo para MORHAN do Hospital Santo Ângelo** percebeu-se que não há um arquivo acerca do Hospital Santo Ângelo que permita resgatar sua

própria história. Além do incêndio nas dependências do mesmo, a mudança na organização do hospital na década de 1980 não teve como preocupação a preservação para além de parte do patrimônio arquitetônico, a preservação da história, não só do hospital, mas da Saúde Pública no Brasil, da cidade de Mogi das Cruzes, do estado e do país. As informações estão dispersas em livros sem cunho acadêmico, dissertações, arquivos fotográficos dentre outros. O material entregue na forma de CD para acervo do MORHAN de Mogi das Cruzes será composto dos arquivos referentes à:

- Dissertação de Mestrado em Serviço Social – PUCSP (2008). “Resgate histórico do leprosário Asylo Santo Ângelo”, de Marilene Moreira Feliciano.
- Dissertação de Mestrado em geografia Humana, USP (2008) – “Espaços vigiados – um estudo do isolamento compulsório dos portadores de hanseníase no Asilo Colônia Santo Ângelo (1890-1960)”, de Vania Regina Miranda Postigo.
- Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – USP – (2008) “Asilos coloniais paulistas – análise de um modelo espacial de confinamento”, de Ana Paula Silva Costa.
- Fotos do Hospital Santo Ângelo copiladas de diferentes fontes
- Livro “Hospital Santo Ângelo - Jubileu de Ouro”, de Wilmar Dias da Fonseca.

CONCLUSÕES

Para finalizar, a escola não é o tema central de nenhuma pesquisa e aparece apenas como parte de um todo, que é o Hospital Santo Ângelo, mas não com um foco específico em sua história. Uma hipótese desta condição histórica secundarizada da escola é que não representava perspectiva de futuro algum, pois para os pacientes não havia a única perspectiva que se fazia possível era de morte. Após a mudança no tratamento da hanseníase quando se abandona a internação compulsória, permanece uma história triste e de muita dor legitimada pelo estado, que carece ser esquecida, daí o descuido com os documentos do próprio hospital.

Pode-se perceber que o resgate da história da escola que funcionava dentro do hospital revelou-se carente de documentos, mas não de informações!

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. A. e GEWANDSZNAJDER, F. – O método nas Ciências Naturais e Sociais – pesquisas quantitativas e qualitativas – São Paulo: Editora Pioneira 2º ed. 1998.

GOFFMAN, E. Estigma – notas sobre a manipulação da Identidade deteriorada. 4. Ed. – reimpr. Rio de Janeiro: LTC. 2015

POSTIGO, V.R.M. Espaços vigiados – um estudo do isolamento compulsório dos portadores de hanseníase no Asilo Colônia Santo Ângelo (1890-1960). Mestrado em Geografia Humana – USP, 2008.